

## Ética e Design<sup>1</sup>

por Alcino Ferreira<sup>2</sup>

Proponho-vos pensar, por breves instantes, três questões:

- 1. Ética e Autenticidade:** a ética aparece no desabrochar da autenticidade.
- 2. Design e Expressão:** o design é arte. A arte é a revelação da estrutura do universo.
- 3. Ética e Design:** Se a ética é o fundamento do sonho do designer, será que Bolonha nos trouxe o que nos prometeu? Eis uma questão ética, que é uma questão nossa e é uma questão que está em aberto.

### 1. Ética e Autenticidade

Toda a palavra é um gesto do meu corpo, sem que, no momento em que a pronuncio, consiga distinguir pensamento, palavra e realidade. É assim que acontece a expressão, porque é assim que o homem é. Em cada palavra a totalidade de uma vida e em cada gesto de cada homem a totalidade da história. Todas as vezes que pronuncio a palavra ética floresce em mim a força do êthos, esse lugar longínquo em que os animais se alimentavam e que os homens conservaram transformando em éthos, o coração do homem onde nasce todo o agir humano. As raízes gregas da nossa cultura, misteriosamente, sem que o possamos explicar, continuam a alimentar a possibilidade da nossa vivência humana hoje. Somos homens, num tempo diferente desse tempo imemorial em que o primeiro homem se descobriu homem. Mas foi porque esse homem apareceu que nós hoje somos dados a nós mesmos,

---

<sup>1</sup> - Texto de Setembro de 2007 publicado in REIMÃO Cassiano Maria (Coord.) 2008. *Ética e profissões, Desafios da modernidade, Actas de colóquio*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

tal como ele. O homem apareceu sem barulho. Aconteceu que determinada matéria atingiu o nível da consciência de si. E nessa consciência se descobriu o próprio mundo. Este mundo não é mais que o aparecer do tempo e do espaço originários. É esse milagre que ainda hoje se repete, todas as vezes que o desenvolvimento do sentir permite o aparecer de cada homem. Isto acontece com todos os homens porque não há um homem universal. A verdade é que cada homem é um milagre irrepetível que nasce do facto de a matéria atingir um grau de sublimação em que o pensamento, a palavra e a matéria se apresentam com uma unidade tal que nunca saberemos, na existência, donde viemos ou para onde vamos. Sabemos sim que algo nos suporta, algo que ao mesmo tempo que em nós se torna visível, misteriosamente, se esconde nas profundidades da nossa estrutura. Assistimos ao acontecer do milagre, e a única atitude sensata é o espanto. Não sabemos porque é que um homem nasce, e muito menos porque é que a vida traz escondida dentro de si a morte anunciada. Mas sabemos que o nascimento é uma realidade e que a morte tem em si a possibilidade de ser uma promessa. O que é o bem, entre a vida e a morte? É isso a ética, um modo de ser humano. A ética é um conjunto de valores universais, que só são valores porque são verdadeiros. Não são verdades da ordem lógica. Os valores éticos são verdadeiros porque nascem naquilo que cada homem é. De resto, não há verdades universais senão na medida em que cada verdade tem a possibilidade de ser vivida por cada um dos homens. A ética é uma ontologia, tendo eu presente que o real não é independente de mim. O real só aparece para a consciência que o institui. É o que acontece com o mundo físico e com o mundo cultural, isto é, o mundo é sempre um mundo humano. Os valores éticos florescem na autenticidade humana.

---

<sup>2</sup> - Professor Associado na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

## 2. Design e Expressão

Na busca da essência do Design, tenho presente que o mundo cultural se organiza como as estrelas no firmamento. O cintilar das estrelas anula o tempo e o espaço, e, nesse momento, tudo me aparece num momento que parece eterno em que não há vivos nem mortos, mas em que tenho a certeza que o real é um todo em que cada homem responde ao outro homem, independente do tempo e do espaço, tal como as estrelas se respondem sem sabermos se ainda existem ou se é só a luz que está a chegar. Sei que o Design nos aparece ainda com a frescura da juventude, foi muito recentemente que ele adquiriu a sua autonomia institucional. Só que em toda a história o Design acompanhou seguramente a evolução humana. Recordo sempre com carinho o primeiro coup-de-poing que tive na mão: uma pedra de sílex que alguém trabalhou cuidadosamente, em que se vê que esse alguém escolheu o material resistente de que precisava, trabalhou o pedaço de pedra transformando-o num objecto de corte, uma faca, e teve o cuidado de que esse objecto se adaptasse às características da mão que o ia utilizar. Possivelmente quem fez esse utensílio que nós chamamos primitivo, fê-lo por amor de alguém. E o resultado é que na história apareceu mais um sinal humano, que responderá a todos os outros sinais da história, que rivaliza em beleza com todas as outras obras de arte que o seu aparecer anuncia. O Design mergulha as suas raízes no tempo imemorial em que os homens vão descobrindo lentamente quem são pelo satisfazer das suas necessidades. Seguramente, é lícito suspeitar que desde início a Arquitectura e o Design viveram paredes meias. Por alguma razão ainda hoje os arquitectos, apaixonados pelo resultado dos seus gestos, são designers. Isto acontece com a naturalidade com que o arquitecto

desenha. Do seu gesto nasce o espaço, e no vazio do novo espaço o objecto reclama a presença na coerência do mesmo estilo. O Design será sempre uma tentação para o arquitecto. Foi por esta ordem de ideias que regresssei a Vitruvius, para quem a Architectura deve ter sempre presentes os princípios da *Firmitas, Utilitas e Venustas*.<sup>3</sup> E o Design? Provisoriamente, porque não tenho a sabedoria de Vitruvius, os princípios do Design são *Objecto, Corpo e Beleza*.

É da essência do Design trazer a essência de um objecto, pela mediação do projecto, à visibilidade que só a substância permite. Álvaro Siza confessa que a sua "preocupação principal em desenhar, suponhamos, uma cadeira é a de que pareça uma cadeira."<sup>4</sup> O objecto é o que é, com a finalidade do uso a que se destina inscrita na sua intimidade. Numa perspectiva genética, o objecto nasce, como conceito, na possibilidade fecunda da ideia do Designer. A ideia é síntese formal que o Designer construiu a partir do seu contacto com o mundo, pelo percurso que realizou e o tornou no homem que ele é. Confrontado consigo mesmo e com o mundo no acto de criação, ele vive a certeza que a criação não é um gesto que nasça do nada nem tão pouco inofensivo. A criação revela a totalidade que no Designer se concretiza e faz aparecer o objecto, o mundo humano.

O corpo humano é corpo próprio, realidade que mostra que no homem o universo consumou o seu destino. Aqui a matéria atingiu o nível do sentir. E é o desenvolvimento do sentir que permite que nos tornemos no que somos: homens lançados no mundo, que, com carinho, se esforçam por cuidar da sua própria casa: o Universo. Todo o Designer tem um sonho: ser fiel ao Corpo e ser fiel ao Mundo. O mundo do

---

<sup>3</sup> - VITRÚVIO, *Tratado de Architectura*, Livro I, III, 2.

<sup>4</sup> - SIZA Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Edições 70, Lisboa, 1998, p. 133.

Design é um mundo em que o objecto é o que é, envolvido no sonho de uma adaptação perfeita ao corpo humano.

Todo o homem deseja que o sonho seja realidade. De facto, talvez seja muito ténue a diferença entre sonho e realidade. Não é isso que permite o aparecer da obra de arte? Na sua essência o Design é arte. É a prossecução do sonho de tornar o mundo mais belo. Tarefa infinita e inatingível. Já era inatingível em Aristóteles, em que a beleza verdadeira reside na Natureza, e pertence ao artista concretizar o sonho pela imitação da natureza. Mas já em Sócrates, que tão mal se deu com a arte, encontramos uma estética utilitarista. Sócrates entende que a couraça bela é aquela que assenta bem. O que o Design pretende é que a couraça assente bem e seja bela, sabendo que necessita da proporção de que fala Sócrates e de todo o saber do seu tempo para conseguir o seu objectivo. Mas a essência do Design não reside aí. Talvez Hesíodo esclareça a questão quando entende que Afrodite, deusa da beleza, e as Nereidas brotaram do mar. Já aí encontramos a beleza da cor, a beleza da forma, a beleza da expressão, a beleza moral... Em Hesíodo até as maçãs são belas ainda que cresçam muito longe. Mas também Cézanne tinha o sonho de pintar três maçãs vermelhas sobre uma toalha branca como a neve. E tendo pintado tantas, nunca disse que tinha conseguido. São estes pontos de luz, como Hesíodo e Cézanne, que me garantem que a obra de arte é uma revelação, um tirar de véus sucessivos na esperança de conseguirmos a expressão. O Designer fará aparecer a beleza na exacta medida em que consiga atingir a autenticidade do seu gesto.

### **3. Ética e Design**

Se a ética é ontologia e o design é obra de arte, então ética e design são indissociáveis. É estranho que eu

reduza sempre tudo ao todo. Mas já descobri que pensar é uma fuga à realidade e faço um esforço para ser fiel ao sentir. Tudo nasce na realidade do sentir humano. O pensamento só não é fuga se for possível em mim a abstracção ser coincidente com a vivência. E isso descobro-o quando vejo que as palavras são gestos do meu corpo e a obra de arte não é mais que a inscrição no tempo e no espaço da paixão que move a vida. A vida é uma paixão insaciável. Não é possível na existência separar a matéria e o espírito. Isso é um jogo de abstracção. Como é abstracção também separar a ética e o Design, ou a ética e a Arquitectura, ou a ética e a Pintura. São a mesma realidade, só que cada uma destas dimensões tem a especificidade do campo em que se realiza. O Design realiza-se no aparecer do objecto envolto desde a sua intimidade na adaptação ao corpo que o vai usar.

O Design, com a autonomia com que hoje o pensamos é recente. Tenho a impressão que isso se nota nos currícula que, na área do Design, as diferentes Escolas no mundo oferecem àqueles que querem fazer do design a sua vida. Partindo do princípio que essa minha impressão é mais do que impressão, e é, talvez eu me sinta tranquilo ao contemplar que acontecem situações semelhantes noutras áreas que já fizeram percurso durante séculos. Suponho que hoje somos vítimas do predomínio da técnica, sem ter consciência de que a técnica só tem valor na medida em que for cultura. O Design serve-se dos conhecimentos científicos e tecnológicos da sua época, mas não é aí que o designer pode viver o seu sonho. Os conhecimentos científicos são sempre enriquecedores para o homem, desde que uma preocupação ética informe a actividade científica. O computador é tão só um instrumento, tal como a bengala para um cego também o é, um prolongamento do seu corpo que aumenta as suas possibilidades. Será que no nosso tempo,

nesta Universidade que é a nossa, (falar dos outros é fácil, pensar em nós é sempre uma possibilidade de angústia) os currícula dos diferentes cursos, que acabam de ser revistos no processo de adaptação a Bolonha, concretizam um progresso neste horizonte ético em que a arte é a revelação da ontologia? Eis a minha questão. No caso que a mim me preocupa, o do Design, é para mim uma meditação urgente e em aberto.

O tempo, que somos nós, depois de a poeira circunstancial assentar, tenho a segurança que nos vai permitir pensar, e novos horizontes hão-de surgir. Porque há novos mundos a descobrir. Não é possível matar o sonho. Descoberta a estrada, nova revolução surgiu com a abertura do mar. O mar conduziu-nos a certos brinquedos que se passeiam hoje pelo espaço. O horizonte com que ainda sonho é a velocidade do pensamento. Ao nível do desejo não há limites. É essa a nossa riqueza fecunda de promessas. A ética é o modo de sermos homens, a flor que desabrocha, com um poder que é seu, a partir das raízes do Ser.